CONHECIMENTOS UTEIS.

CONSIDERAÇÕES ÁCERCA DA RENDA TOTAL DA NAÇÃO PORTUGUEZA, E SUA DISTRIBUIÇÃO POR CLASSES, COM ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O IMPOSTO DA DECIMA.

1388 Entre os numerosos esclarecimentos com que a Statistica tem auxiliado a Economia Politica, são os mais importantes os que tendem a avaliar a riqueza ou producção total de um povo, e sua distribuição pelas diversas classes da sociedade. Muito teem trabalhado as nações cultas do nosso continente, para resolverem aquelle problema, e é certo que já se teem alcançado preciosos documentos para a sua solução, não só em França, mas tambem em Inglaterra e Allemanha, como provam as muitas obras publicadas a similhante respeito pelos seus insignes estadistas, e que tão proveitosas teem sido aos respectivos governos, os quaes sem estes poderosos auxilios só podem administrar ás apalpadellas, e por hypótheses mais ou menos provaveis, que tantas vezes falham com grande prejuizo dos povos. Inutil será manifestar a nossa defficiencia sôbre taes objectos, os quaes não obtendo a devida apreciação n'este paiz, são geralmente desprezados, e até mofados como curiosidades estereis que de nada servem, e talvez stigmatisados com o ridiculo, que ainda ha pouco, um periodico acreditado da segunda cidade do reino, quiz lançar sobre a longa serie das nossas observações meteorologicas, que representam a statistica dos meteoros e do clima, e são a base fundamental da geographia physica do globo, e de transcendentes applicações á agricultura, navegação e medicina, nas quaes o sabio redactor do periodico, só divisou a pueril curiosidade de contar as pingas de agua que caíam dos telhados de Lisboa. Este desapego ás indagações importantes e positivas, o nosso natural desleixo e apoucadas idéas sobre a importancia de taes assumptos, explicam a difficuldade de se obterem noções exactas sobre qualquer ramo statistico ou de publica administração, apezar das ordens repetidas do governo, que sabe o valor de tão preciosos documentos, e deseja obtel-os; o que podemos asseverar por nossa propria experiencia na Commissão de Statistica, que temos a honra de dirigir, e na qual temos trabalhado desde o seu começo, sem outra remuneração que não seja o desejo de sermos uteis á nossa patria: e aonde nos tem sido forçoso esperar dois annos para obtermos algumas noticias sobre o movimento annual da população do reino, apezar de se terem remettido a todos os municipios mappas litographados, e cujas perguntas eram tão singellas que poderiam ter sido satisfeitas, com a maior facilidade, em uma semana.

Vae já um pouco dilatado este nosso preambulo, porém necessitavamos de expôr as causas que justificam o desinvolvimento de nossas idéas na memoria que offerecemos á consideração de nossos estadistas, a respeito do valor da producção em Portugal, e sua distribuição pelas diversas classes da sociedade, obra que empreendemos em maio de 1841, para satisfazer ao convite de um illustre cidadão que formava parte do podêr executivo, e que nas actuaes circumstancias em que o corpo legislativo se acha occupado em melhorar o ramo da fazenda ublica, poderá talvez ministrar-lhe alguns esclarecimentos de importancia. Tendo sido auctorisados n'aquella occasião a procurar esclarecimentos nas estações competentes, nos convencêmos da impossibilidade de os obter, não só para a totalidade do reino, mas até mesmo para um pequeno districto, não sendo possivel reunir os dados necessarios para avaliar, e classificar, o numero dos contribuintes, e respectivas quotas totaes das decimas que o mesmo individuo paga em diversos concelhos. Egual impossibilidade encontrámos em saber o numero dos eleitores recenseados no reino, e o numero dos elegiveis a deputados ou senadores, o que nos teria offerecido uma base segura para classificação dos rendimentos; mas na absoluta defficiencia de documentos positivos, procurámos suppril-os recorrendo a hypotheses provaveis para a solução do problema, as quaes vamos expôr

População do reino em 1841		3.260.000
Açôres.....	180.000	
Madeira.....	120.000	..... 340.000
Cabo Verde	40.000	
Total.....		3.600.000

Resulta dos ultimos recenseamentos que a cada fogo ou familia competem 3,8 a 3,9 individuos, mas para maior facilidade do calculo estabeleceremos, que cada familia ou fogo, contém 4 individuos; e portanto no reino de Portugal devem existir 810 mil fogos, e nas ilhas adjacentes 90 mil, que dão o total de 900 mil familias.

Segundo as melhores taboas statisticas da França e Belgica, se deprehende que o numero de individuos que contam menos de 14 annos de edade, equivalem aos tres decimos da população total; e por consequencia o numero de individuos do sexo masculino que excedem a 14 annos, será em Portugal e nas ilhas adjacentes de 13.260.000.

Para classificarmos o total d'esta população masculina e productora, vista a defficiencia dos recenseamentos positivos, recorremos ao censo de Hispanha, publicado em 1801 por ordem do illustre e sabio ministro, Florida-Blanca, e por analogia obtivemos os seguintes resultados, modificados em relação ás innovações devidas ao actual systema politico da monarchia, do que resultou a seguinte classificação:

Administração publica, — Adm. civil e seus dependentes 10.000 — advogados, procuradores, tribunaes, etc. 8.000 — hospitaes, misericordias, etc. 1000. — Total 19.000. — *Clero secular* e outros empregados no culto 10.000. — *Força militar* — exército e repartições annexas 20.000. — marinha e arsenaes 5.000. — Total 25.000. — *Sciencias, medicina, e artes liberaes.* — Professores 200 — mestres de primeiras lettras 1800 — estudantes com mais de 16 annos de edade 3,000 — medicina, cirurgia e pharmacia 6,000 — artes liberaes 1000. — Total 12.000. — *Proprietarios, capitalistas* e outros individuos que vivem de suas rendas 80.000. — *Commercio e navegação.* — Negociantes e mercadores 9.000 — almocreves, carreiros, e outros conductores 5.000 — marinheiros e pescadores 18.000. — Total 32.000. — *Agricultura* — lavradores proprietarios 140.000 — dictos rendeiros 180,000 — jornaleiros 400.000 — pastores, abegões e

outros empregados no tracto dos gados 45.000. — Total 765.000. — *Industria fabril* nos tres reinos, vegetal, animal, e mineral. — Mestres 130.000 — officiaes 40.000 — aprendizes 12:000. — Total 182.000. — *Domesticos*. — Creados graves e de escada-abaixo 14.000. — Domesticos ordinarios 50.000. — Total 64.000. — *Mendigos*. Suppondo que a totalidade dos individuos que vivem da charidade publica equival a cinco centesimos da população total, o que só acontece nos paizes pouco abastados, pois em França se avalia sómente em 1 por 60 individuos, teremos que ao sexo masculino, e com mais de 14 annos de edade pertencerão 63.000. — *Individuos* não *classificados* 33.000. — Sommam estas onze classes 1.260.000 individuos.

Na totalidade d'esta população masculina excedendo a 14 annos de edade, reputaremos não productoras as seguintes classes: — soldados do exército de linha, repartições annexas, e marinheiros da armada 18.000. — Domesticos 64.000. — Mendigos 63.000. — Total 145.000, os quaes diminuidos da totalidade da população masculina, pertencente ás onze classes designadas, deixarão liquidos 1.115.000 individuos, que devem reputar-se os verdadeiros productores de toda a renda da nação.

Orçamento do valor total da porducção ou renda annual da Nação Portugueza.

Na ausencia total de documentos positivos os quaes sómente poderiam ser ministrados por uma circumstanciada statistica das producções dos tres reinos da natureza, e da industria fabril e commercial, recorremos a analogias, tomando por nossa guia os resultados obtidos em França sobre taes assumptos; e dando o devido desconto á nossa inferioridade de riqueza e industria, obtivemos a final um resultado que nos parece ter sufficiente probabilidade de exactidão.

Um illustre agrónomo francez, Mr. Noizet, orçava o valôr total da producção agricola e fabril da França, no anno de 1812, em 6 mil milhões de francos, declarando que esta producção tinha augmentado extremamente nos 29 annos que já tinham decorrido. N'esta avaliação não se comprehendiam os lucros do commercio, e o rendimento da divida publica que se reparte pelos capitalistas, e volta novamente á circulação; e ainda que este não seja uma verdadeira producção que augmente a riqueza nacional, comtudo deve figurar como verdadeira renda pelos seus effeitos nas transacções, e muito mais quando se tracta dos impostos geraes para as despezas do estado. — Ultimamente foi calculada a renda geral da França pelo illustre e sabio estadista, o barão Dupin, membro do instituto e par, o qual no opusculo que publicou em 1842 por occasião dos disturbios que se levantaram em algumas cidades fabris, praticados pelos operarios que exigiam violentamente um augmente de salario, calcula como maximum da totalidade da renda de todos os cidadãos francezes, proprietarios, rendeiros, capitalistas, sabios, artistas, funccionarios publicos, e simples operarios, ou jornaleiros, a quantia de dez mil milhões de francos, ou quatro mil milhões de cruzados, que repartida por 34½ milhões de individuos, cabe a cada um 80 *centimes* por dia, ou 128 réis, e por anno 47.500 réis. — Deve-se notar que aquelle sabio escriptor não devia exaggerar a sua avaliação, por isso que lhe não convinha para o objecto que se propunha de serenar a turbulenta effervescencia dos operarios que suppunham existir avultados lucros a favor dos capitalistas e proprietarios, dos quaes queriam participar. É portanto mui provavel que a sobredita avaliação seja moderada e aproximada á realidade.

Isto posto segue-se que se a riqueza e producção geral de Portugal fosse proporcional á da França, o rendimento total d'este reino subiria a 432 milhões de cruzados, e bem se vê por este resultado, que reduzido aquelle rendimento pela hypothese que vamos adoptar, á moderada quantia de 200 milhões, suppomos que a totalidade dos nossos compatriotas não chega a ter metade do que possuem os cidadãos francezes, e que cada um apenas goza o tenue rendimento de 61 réis diarios, ou por anno 22.265 réis, quantia apenas sufficiente para satisfazer as principaes exigencias da vida.

Outra prova vamos offerecer para confirmar a moderação da nossa avaliação na renda annual que estabelecemos. Segundo exactas avaliações feitas em França, do valôr das propriedades que podem ser seguradas, resulta que a sua totalidade sóbe a 111.200 milhões de cruzados. Ora se por analogia quizermos deduzir o valôr da mesma propriedade em Portugal, devemos considerar que se a avaliarmos pela comparação da superficie dos dois reinos, seria a de Portugal equivalente a um quinto da que pertence á França; e se orçarmos o seu valôr na proporção das respectivas populações, seria de um decimo; porém attendendo á grande differença de prosperidade das duas nações, parece-nos que não seremos exaggerados orçando-a em metade deste ultimo resultado, ou em um vigesimo. N'esta hypothese obteriamos para valôr total de todos os predios rusticos, urbanos, e fabris, a quantia de 5.560 milhões de cruzados, os quaes suppondo que produzem sómente 3 por cento, dariam de renda annual 167 milhões, a qual deve ainda ser augmentada com todos os lucros procedentes da industria fabril e commercial, que não entram na avaliação dos bens susceptiveis de seguro, pelo que nos parece que com muita probabilidade poderemos fixar em 200 milhões o rendimento total de Portugal e ilhas adjacentes. Segundo os mesmos calculos statisticos, os prejuizos causados annualmente em França pelos desastres, sobem a 29 milhões de cruzados, pelo que os de Portugal, na nossa supposição, deveriam montar a perto de 1 milhão e meio de cruzados.

Vejâmos agora se a nossa conjectura concorda com a despeza provavel e indispensavel da totalidade da nação, para manter a sua existencia. *Valôres dos comestiveis*. — No anno de 1835 consumiu cada habitante da França (considerada a totalidade geral da sua população), para a sua manutenção individual, 24,3 alqueires de pão. Os cereaes consumidos nas sementeiras, e na manutenção dos animaes, fabricas de cerveja, e outros usos, avultaram a mais 42 por cento para cada individuo. Suppondo o consumo de cada individuo portuguez sómente de 20 alqueires annuaes, e estes pelo preço medio de 300 réis o alqueire, será a importancia total dos cereaes consumidos por cada individuo de 6 mil réis, e accrescendo-lhe mais um terço, em logar de 42 por cento para os outros empregos dos grãos, teremos o total de 8 mil réis; e pa-

ra os 3.6000.000 individuos, a importancia de 72 milhões de cruzados. — Consta tambem por noticias positivas, que a producção annual do vinho neste reino e ilhas adjacentes não é menor de 750 mil pipas, das quaes se consomem no paiz 600 mil pipas; e suppondo o preço medio de 3.200 a cada uma, teremos mais uma verba de 48 milhões de cruzados de despeza annual, bem conhecida. Pelos dados statisticos de outros paizes sabe-se, com sufficiente exactidão, que o numero dos menores de 6 annos para baixo, equival a pouco menos de um setimo da população total; e portanto em Portugal o numero destes menores será de 514 mil. — Orçando em um terço do valôr do pão a importancia de quaesquer outros generos que compoem os diversos alimentos, excluindo o vinho que já se avaliou, teremos mais 2.000 réis para cada individuo; e para os 3.086.000 (excluidos os menores), 15½ milhões de cruzados. — O vestuario e mobilia não póde orçar-se em menos de 12 réis diarios, ou 4.360 por anno, quantia apenas equivalente a metade do custo do fardamento de um soldado de infanteria, o que dá para a totalidade dos individuos maiores a quantia de quasi 34 milhões de cruzados. — Resta finalmente a despeza do alojamento, e suppondo que cada uma das 900 mil familias existentes, não despende mais de 4 mil réis por anno, teremos outros 9 milhões de cruzados para a despeza desta verba. — Deve egualmente ser considerada como despeza a renda total do estado a qual sáe annualmente da bolsa dos contribuintes, e é uma despeza permanente para que todos contribuem, e que sóbe a 25 milhões. Reunindo todas estas verbas, teremos para a despeza annual da nação o seguinte: cereaes 72 milhões — alimentos diversos 15½ — vinho 48 — vestuario e mobilia 34 — alojamento 9 — contribuição para o thesouro 25. — Total 203½ milhões.

Fica pois demonstrado que a despeza annual indispensavel para a existencia da nação, orçada ao minimum, e excluindo meio milhão de menores das despezas feitas com alimentos diversos, vestuario, e mobilia, que lançamos só a cargo dos maiores, avulta a mais de 200 milhões de cruzados, o que rectifica a nossa hypothese e serve de contraprova.

Fixada d'esta maneira a renda total, que não póde ser menor de 200 milhões, vejamos se sería possivel estabelecer uma hypothese plausivel que designe a parte que compete ás diversas classes da sociedade.

Para a solução d'este interessante problema serviriam de grande auxilio os dados positivos sobre o numero dos eleitores e elegiveis para os numerosos cargos que exige o andamento do governo representativo; porém na sua fallencia nos serviremos de uma avaliação que obtivemos somando o numero total dos eleitores, que appareceram em uma das passadas eleições de deputados, e que se a nossa memoria nos não engana, subiu a 110 mil, no reino, não compreendidas as ilhas, cuja noticia se publicou nos periodicos d'aquelle tempo. Ora se reflectirmos que um numero avultado dos recenseados não concorrem á urna, e que mais de 10 mil deveriam existir nas ilhas, poderemos suppor sem receio de exageração, que o numero dos individuos cuja renda annual excede a 80 mil réis, não póde ser menor de 165 mil, e n'esta hypothese formaremos o mappa seguinte, admittindo que o numero dos productores, como já estabelecemos, é de 1.115.000 individuos do sexo masculino, dos quaes por consequencia 949 mil são excluidos do direito eleitoral, ou cuja renda annual é menor de 80 mil réis. Os productores restantes que avultam a 165.430 serão divididos em 20 classes, cujas rendas irão em progressão crescente de 100 mil réis; a saber a 1.ª classe dos individuos que possuem de 80 a 100 mil réis de renda, ou uma renda media de 84 mil réis; a 2.ª de 100 a 200 mil réis, ou o rendimento medio de 110 mil réis, e assim por diante, adoptando o termo medio da renda sempre muito mais proximo ao limite inferior, na razão de um a dez, e não de 1 a 5 como daria o medio normal, entre os dois extremos, e isto a fim de não sermos taxados de excessivos nos rendimentos totaes de cada uma das classes

A	B	C	D
1	60.000	84$	5.040.000$
2	40.000	110$	4.400.000$
3	20.000	210$	4.200.000$
4	13.000	310$	4.030.000$
5	9.000	410$	3.690.000$
6	7.000	510$	3.570.000$
7	5.000	610$	3.050.000$
8	4.000	710$	2.840.000$
9	3.000	810$	2.430.000$
10	2.000	910$	1.820.000$
Somma	163.000	»	35.070.000$
11	1.000	1.100$	1.100.000$
12	500	2.100$	1.050.000$
13	300	3.100$	930.000$
14	150	4.100$	615.000$
15	120	5.100$	612.000$
16	100	6.000$	610.000$
17	80	7.100$	560.000$
18	70	8.100$	560.000$
19	60	19.100$	540.000$
20	50	16.000$	800.000$
Somma..	2.430	»	7.377.000$

A columna A, denota as classes — B, o numero de individuos n'ellas compreendidos — C, a renda annual media de que gosa cada um dos individuos da mesma classe — D a importancia total da renda de todos os individuos de cada uma das sobreditas classes.

Resumo geral.

Productores que não teem direito de eleição, e cuja renda annual orçaremos em 40 mil réis, ou pouco menos de 110 réis,

	Individ.	Renda.
Por dia.....	949.570	37.982.000$
Classes 1 a 10.	163.000	35.070.000$
Classes 11 a 20	2.430	7.377.000$
Total...	1.115.000	80.429.000$

N'esta supposição reputa-se que o total da população é mantida pelo producto annual do trabalho d'estes individuos, que são os chefes ou socios productivos das 900 mil familias de que se compõe a sociedade portugueza.

Resta-nos agora comparar as diversas quotas indivi-

duaes com que cada um dos membros das principaes nações européas contribue para as despezas geraes do Estado, e á vista d'este quadro nos convenceremos que os portuguezes se acham compreendidos nas classes favorecidas.

	A	B	C
Grã-Bretanha (na Europa)	27	560	8$300
França ..... (idem)	33	440	7$600
Hollanda ..... (idem)	2,7	34	5$000
Belgica.....	4	40	4$000
Dinamarca.....	2	18	3$600
Baviera	4,1	29	2$830
Portugal e ilhas	3,6	25	2$780
Estados Pontificios	2.6	18	2$770
Sardenha.....	4,3	29	2$700
Prussia	13	86	2$640
Napoles	7,5	46	2$450
Austria	33	180	2$200
Suecia.....	4	20	2$000

A columna A, indica o numero de habitantes, dos respectivos paizes, em milhões e decimaes, pelo que o numero 2,7 que está em frente da Hollanda significa 2.700.000 habitantes; a columna B representa a renda do thesoiro da respectiva potencia em milhões de cruzados; e a ultima columna C, a quota que compete a cada individuo, avaliada em réis.

Em outra parte d'esta memoria referimos que a renda total da França parece achar-se exactamente avaliada na quantia de dez mil milhões de francos; e como a totalidade dos impostos que recebe o thesoiro sóbe a 1.100 milhões, segue-se que a producção, ou renda geral da nação, se acha gravada com o onus annual de onze por cento.

O nosso mappa comparativo das quotas individuaes que pagam annualmente os habitantes das principaes nações europeas, nos demonstra que a quota portugueza parece egualar metade da franceza; porém convém advertir que sendo admittida a nossa conjectura (avaliada ao minimum) de que a riqueza individual em Portugal, apenas eguala a metade da que gozam os cidadãos francezes, segue-se que cada individuo portuguez contribue na totalidade dos impostos directos e indirectos, com uma quota de doze e meio por cento da sua renda annual, e que por consequencia se acha em egualdade relativa com a França. — Sería esta a verdadeira quota individual se os rendimentos do Estado se verificassem segundo o orçamento; porém as recentes declarações feitas em cortes na sessão de 24 do passado mez, mostram que o *deficit* experimentado na arrecadação dos impostos, no preterito anno economico, subiu a mais de tres mil contos, e portanto a verdadeira receita percebida pelo estado, pouco excedeu a 7 mil contos, ou 17 e meio milhões de cruzados: e em tal caso a quota individual desceu a 1$940 réis, ou ainda menos da que se recebe na Suecia, termo o mais baixo da escala das contribuições dos reinos europeus. Portanto avaliando-se a totalidade da renda nacional pelo *minimum* de 200 milhões de cruzados, teremos que os contribuintes não entregaram realmente no thesoiro mais de *oito e tres quartos* por cento da sua renda total, para satisfazerem todos os impostos directos e indirectos que sobre elles pesam. Um tal resultado mostra claramente os deffeitos no systema de arrecadação, e a desegualdade com que são distribuidos os tributos directos, pois é notorio que a propriedade urbana é atingida com todo o rigor, e que a decima industrial arbitriamente lançada a esmo, pesa em geral sobre as pequenas industrias, favorecendo as grandes; e é egualmente evidente que só d'esta maneira se podem conciliar os queixumes geraes que bradam contra similhante contribuição, com a sua tenuidade na receita do thesoiro, e pequena proporção relativamente á renda geral da nação. — Talvez que o onus mais pesado que soffre Portugal, seja devido á avultadissima divida contrahida recentemente com a Inglaterra, a qual sóbe na sua totalidade a 130 milhões de cruzados, e exige a remessa annual de mais de 6 milhões para pagamento de juros, ou a quarta parte da renda total do thesoiro, circumstancia desgraçadamente singular entre todas as nações do nosso continente.

Cumpre-nos egualmente notar que o imposto que actualmente mais exaspera os contribuintes é a decima predial e industrial, a qual apezar de todos os esforços do fisco não excede no lançamento a mil e duzentos contos, ou tres milhões, quantia que comparada á renda geral da nação, apenas equival a um e meio por cento. ¿De que procede pois este phenomeno? Sem duvida muito influe a decadencia e pobreza da nossa industria agricola e fabril, essencialmente paralisada pela falta de commercio interior, estímulo poderoso d'essa mesma industria, a qual não póde desinvolver-se emquanto não houver meios de communicação, que facilitem o transporte das producções dos logares em que abundam para os que d'ellas carecem; e bem assim a contínua versatilidade e desasocego a que se tem habituado a nação, e o descredito em que tem caído os systemas financeiros; porém tambem muito contribue para a reprovação d'aquelle imposto, o defeituoso e complicado systema de lançamento e arrecadação que succedeu ao antigo, tão simples e regular na sua execução.

Já notámos que se a decima fosse repartida proporcionalmente ao rendimento total da nação apenas equivaleria a um e meio por cento. A desegualdade com que é lançada pelas auctoridades populares, sempre injustas e parciaes em tempos de revolução, e sem responsabilidade pelas durezas que commettem, assim como a incerteza dos prasos em que os contribuintes devem effeituar os pagamentos respectivos, que variam a capricho dos collectores, dão logar a um sem numero de vexames com gravissimo prejuizo dos contribuintes, e sem vantagem do thesoiro. Um exemplo fará mais saliente as nossas asserções, referindo o que aconteceu a um nosso amigo ao qual foi imposta a contribuição de 400 réis a titulo de um creado que lhe não pertencia. Foi-lhe exigido o pagamento depois de já terem decorrido tres annos; mas para evitar questões acudiu logo a solver-se no termo de 24 horas como lhe fôra determinado; porém com a maior surpresa reconheceu que devia satisfazer a numerosas formalidades para obter quitação da supposta divida, sendo o final resultado ter empregado 15 dias em percorrer a cidade, e despender no andamento do processo a quantia de 2$750, além dos 400 réis para o thesoiro, ou 7 vezes mais do que o imposto exigido. Ora quando isto acontece na capital, e com pessoa intelligente e versada no foro, que se praticará nos campos com gente ignorante, e sem uso de taes negocios! São estes monstruosos deffeitos no methodo adoptado para ta

imposto, que tem accumulado 70 mil causas nos julgados do districto da capital, e que ainda não ha muito tinham deixado em atrazo a cobrança de mais de déz milhões de cruzados.

Não terminaremos sem offerecer mais uma prova da nossa asserção, notando que este tributo tão odiado, apenas lança no thesoiro a quantia annual de mil contos, e o contracto do tabaco, imposto indirecto, de que ninguem se queixa, dá ao mesmo thesoiro 1.440 contos, aos quaes devemos acrescentar mais 120 para o contractador proprietario, outros 120 para os seus sublocatarios, mais 100 para as despezas do costeamento e fiscalisação, e talvez outros 50 para o valor do contrabando, o que sóbe a 1830 contos, não compreendido o custo primitivo do genero, e portanto na totalidade mais de dois mil contos que a nação despende sem o menor queixume para satisfazer o innocente vicio de excitar uma agradavel sensação no olfato, ou palladar, entregando para tal mister o duplo da quantia com que contribue para o thesoiro a titulo da odiada decima predial e industrial.

Julgamos conveniente dar publicidade a estas nossas reflexões com o fim de atenuar os preconceitos que vogam geralmente a respeito dos impostos com que está gravada a nação; servindo tambem este nosso pequeno trabalho para mostrar as vantagens que se alcançariam em proveito da economia politica se fosse possivel obter o auxilio commum a favor dos trabalhos statisticos de que tanto carecemos, restando-nos sómente o pezar de não termos o cabedal sufficiente para bem desempenhar tão grave assumpto.

M. M. Franzini.

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Capitulo IV.

(Vem de pag. 274.)

Máchinas de Vapor Locomotivas.

1389 I. — Desde o anno de 1796, em que foi concedida a M. *Watt* a patente de privilegio das suas máchinas, onde se faz menção tambem das Locomotivas, até á éra de 1806 nenhuma d'estas chegou a ter effeito por causa das muitas difficuldades que se apresentavam. Deviam ellas ser leves, e conjunctamente de bastante resistencia para soffrerem uma tensão de 5 até 10 atmosphéras sobre cada polegada quadrada da lâmina da caldeira, visto que não era possivel empregar o sistema da condensação por causa da muita quantidade de agua fria, que seria necessario dispender, e que não era possivel transportar; precisavam tambem de um fogo activo; mas como este se não consegue sem uma abundante e forte corrente de ar, para isto se fazia indispensavel uma alta chaminé, segundo os conhecimentos phisicos d'aquelle tempo. Era egualmente precisa uma superficie calorífica proporcionada á producção e consumo do vapor; mas como poderia havel-a n'uma caldeira pequena destinada a ser levada em cima de um carro de medianas dimensões? .... Tudo vence porém o espirito humano á força de pensar e de reflectir.

No sobredito anno de 1806 um ingenheiro inglez, chamado *Trevithick*, inventou uma d'estas máchinas, que foi experimentada no paiz de *Galles*, sobre um caminho de ferro de rodíz planos e lisos. Compunha-se ella de uma caldeira cylindrica, horisontalmente collocada sobre um carro de 4 rodas; pelo centro passava um tubo largo para o fogo, que ardia rodeado de agua; n'uma das cabeceiras tinha a grêlha e cinzeiro, e na outra opposta a chaminé. Um cylindro vertical estava em parte mergulhado na caldeira, em parte saía fóra d'ella pelo lado superior. N'este cylindro jogava o pistão, e pelo intermédio da sua haste applicada a um balanceiro seguia-se o movimento de vaivém. O balanceiro movia umas *biélas*, que applicadas convenientemente aos raios das rodas as faziam mover; emfim as forças vivas da máchina venciam os pontos mortos. A agua e carvão precisos para alimento da caldeira íam n'outro carro proximo e preso a ella, de maneira que por meio de uma manga de coiro se mantinha sempre cheia a cuvêta da bomba alimentaria. Submetida esta máchina ás experiencias teve máu resultado; porque a sua marcha era vagarosa, e muitas vezes cessava: attribuia-se isto á pouca adherencia das rodas sobre os rodíz de ferro; mas a causa verdadeira era outra que só com o tempo se pôde descobrir. Os ingenheiros mechânicos attribuindo á falta de adherencia, aquillo que sómente procedia de pouca força em razão de ser pequena a superficie calorífera e produzir pouco vapor, recorreram a diversas tentativas. *M. Bruton* lembrou-se de applicar as biélas a uma especie de pés de cavallo, para que estes fizessem andar o carro, firmando-se na terra. *M. Chapman* dizia, que sómente se poderia fazer andar, havendo no caminho alguns pontos fixos, a que se prendesse uma corda, que o movimento da máchina fizesse enrodilhar a um cylindro.

Um terceiro machinista, *M. Blenkinsop*, propôz que um dos rodíz dos caminhos de ferro devia ser feito de réguas dentadas, que se engranzassem na roda motriz respectiva; porque d'esta maneira as outras seriam obrigadas a mover-se necessariamente. Seguiu-se esta proposta e fez-se um caminho de ferro por este sistema juncto de *Leeds*, o qual ainda existe. Como tivesse bom resultado, d'elle veio bastante credito ao dicto *M. Blenkinsop*; mas foi por pouco tempo; porque bem depressa se descobriu que havia um declive favoravel nos rodíz desde as minas de carvão até *Leeds*.

II. — Passados alguns tempos fizeram-se novas tentativas em *Killingworth* e por ellas se conheceu que as rodas de trilho liso faziam tanta adherencia sobre os rodíz egualmente lisos que se podiam mover sem escorregar sobre caminhos de planos inclinados ascendentes, ainda que a elevação chegasse a ser de um centimetro por metro (a centessima parte de quasi 4 ½ palmos craveiros) e que a máchina levasse atraz de si vinte carros carregados de carvão; mas observou-se tambem que as caldeiras do sistema de *Trevithitk* produziam bastante força, emquanto o vapor estava accumulado dentro d'ellas no principio da partida, e que depois íam afrouxando até parar o movimento da máchina. Por esta maneira se conheceu que os melhoramentos, que havia para fazer, se deviam encaminhar a produzir maior quantidade de vapor no mesmo tempo dado.

III. — Em 1825 fez-se na *Inglaterra* o caminho de ferro de *Darlington*, que tem de extensão 18:181 braças e oito decimos ou 40:000 metros de comprimento, um dos mais extensos d'aquella nação depois do que vae de *Liverpool* a *Manchester*: a máchina melhorada que movia os carros n'este caminho era ainda construida segundo o sistema de *Trevithick* já descripto, postoque tivesse maiores dimensões para produzir maior quantidade de vapor, mas conservava os seguintes deffeitos. O primeiro e maior consistia em ter pequena superficie calorífica, a qual era apenas de 54 pés quadrados (medida ingleza); ora, n'estas máchinas contam-se 8 pés quadrados de superficie calorífica, como indispensaveis para evaporar um pé cúbico de agua em cada hora, cujo vapor representa a força de um cavallo; d'esta maneira a dicta máchina apenas podia evaporar 6 até 7 pés cúbicos de agua; e por conseguinte não tinha mais força do que a de 6 até 7 cavallos, d'onde ainda se ha-de deduzir toda a que se desperdiça em vencer as fricções, e a que destroem as manivellas, que por si só a reduzem a ametade. Além d'isto, suppõe-se que a sua fornalha podesse fazer uma combustão activa como fazem das máchinas fixas, que teem altas chaminés, onde a tiragem é violenta. Em realidade porém não era assim; porque nas máchinas locomotivas apenas podem ter as dictas chaminés 10 pés de altura por causa das sacudiduras, e outros embaraços, d'onde resulta uma tiragem debil que não ministra o ar preciso á combustão. O segundo deffeito era estar a caldeira assente immediatamente sobre as chumaceiras dos eixos, e por isso as costuras das lâminas padeciam muito com os balanços e com o jogo das biélas.

(Continuar-se-ha.)

PROGRAMMA PARA O CONCURSO TRIENNAL DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA, NO ANNO DE 1843, EM CONFORMIDADE DO ARTICO 90.°, CAPITULO 5.° DOS ESTATUTOS.

Pintura historica.

1390 1.° premio. (Medalha de oiro) *Deus formando o homem* — Genesis, capitulo 1.° — Este assumpto será pintado a oleo n'um quadro de seis palmos por cinco.

2.° premio. (Medalha de prata) *Copiar em pintura de claro-escuro a estatua de Antínoo*, n'um quadro de seis palmos de altura, por cinco de largura: *a cópia do quadro de Nossa Senhora da Graça*, attribuido a Rafael de Urbino, quadro que existe na Academia, devendo ser a cópia no mesmo tamanho do original.

Esculptura.

1.° premio. (Medalha de oiro) *Representar a estatua do Poeta Luiz de Camões, na altura de tres palmos e um quarto.* — Será modelada e se entregará na mesma côr do barro secco ou cosido.

2.° premio. (Medalha de prata) A cópia de um alto-relevo, compreendendo um grupo de tres genios, reduzida a um terço menos do que o original. — Modelada em barro, como acima.

Architectura civil.

1.° premio. (Medalha de oiro) *A invenção de um projecto para o edificio de uma Academia de Bellas-Artes, com suas dependencias,* — Demonstrado em plantas, alçados, e córtes principaes.

2.° premio. (Medalha de prata) A cópia do plano do novo real palacio d'Ajuda, compreendendo as plantas, alçados das fachadas principal e lateral, e os córtes mais importantes. — Os desenhos todos devem ser feitos a aguarélas, em ponto maior do que os originaes.

Condicções geraes.

1.ª O praso do concurso não poderá exceder a seis mezes, contados da publicação do programma. Os oppositores deverão dar os seus nomes ao concurso, assignando a lista que deve existir na secretaria da Academia.

2.ª Findos os dictos seis mezes deverão os concorrentes entregar ao secretario as suas obras concluidas e assignadas, e este previnirá desde logo os concorrentes aos primeiros premios, do dia em que devem fazer as suas próvas na Academia, no preciso espaço de tres horas, em conformidade do artigo 65.° dos estatutos.

3.ª A este concurso serão unicamente admittidos os discipulos que frequentarem as diversas aulas da Academia, preferindo em egualdade de merecimento os discipulos ordinarios aos voluntarios.

Academia das Bellas-Artes de Lisboa em 25 de Fevereiro de 1843. — O professor substituto servindo de secretario *José da Costa Sequeira.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. GIRALDO, BISPO DE EVORA.

5 de Março de 1321.

1391 Seja assumpto para este dia o caso lastimoso, e digno de memoria, d'aquella victima infeliz da lealdade, que ás mãos de féros parricidas houve de pagar com a vida a generosa constancia, com que procurava trazer á obediencia de seu legitimo rei e senhor um filho rebelde.

Nascêra Giraldo Domingues de paes humildes no logar de Medello, juncto a Lamego, dispondo a Providencia que fosse tanto mais illustre por feitos proprios, quanto o era menos por sangue herdado. Assim que na flôr dos annos, depois de ser Conego em Coimbra, se viu elevado á dignidade de Bispo do Porto, governando a Monarchia o felicissimo rei D. Diniz, de quem fôra sempre estimado e favorecido. Oito annos o possuiu esta Diocesi tão amado das ovelhas como por suas muitas virtudes e religiosa vida merecia. O casamento da Infanta D. Constança o levou depois a Castella em serviço de seu soberano, e ahi como a varão de summa auctoridade lhe foi conferida a mitra de Palencia; o amor da patria porém o fez restituir em breve a Portugal, onde por acclamação dos capitulares, e como digna recompensa de suas muitas partes e merecimentos foi promovido ao Bispado de Evora.

N'esta maior Diocesi florecia como perfeito prelado, zelando a causa de Deus no culto dos templos, e na reformação dos costumes, quando foi eleito pelo Pontifice para sugeitar com as armas da egreja aos que rebeldes não seguiam as partes de D. Diniz, e abraçavam o inquieto e revoltoso ânimo do Infante D. Affonso seu filho e successor. Acudindo pois aos negocios d'Elrei, como zelador que era do seu serviço, para dispôr o que convinha se passou a Estremoz, a tempo que já ahi o estavam esperando os do Infante, e aonde Affonso de Novaes, e Nuno Martins Barreto, cabeças d'este insulto, convertendo o illustre character de fidalgos no vil exercicio de verdugos o mataram a punhaladas, servindo-lhes a nobreza do nascimento, afeada com tão detestavel acção, de eterna infamia para escandalo da posteridade.

Por memoria d'este sacrilegio, e perpetua abominação d'elle, se pôz n'aquella Villa, juncto á Egreja Matriz, esta inscripção: — *Era MCCCLIX. em V. do mes de Março, Dom Giraldo, em outro tempo Bispo de Evora, homens filhos d'algo o mataram sem merecimento em este logo, á alma do qual Deus perdoe. Amen.*

J. C. de Figanière.

RÁUSSO POR HOMIZIO.

Romance Historico.

(Continuação do capitulo X.)

(Vem de pag. 260).

1392 Por largo espaço caminharam em silencio: a distancia, que se embebia na ligeira corrida, parecia crescer e alargar-se; e os sitios, que D. Mécia tinha tão marcados já ha muito, que lhe fugiram dos olhos: a cavalgada trocára por sendas enredadas, por desvios escusos os viçosos plainos, em que tão alegre se deleitava a vista: — a rainha ainda não descerrára os labios, e toda enlevada em seu cuidar não reparára no caminho que levavam: a alegria e o contentamento a pouco e pouco se lhe esmoreceram; e a côr melancholica dos pensamentos se lhe espraiou pelo rosto: n'esse reflexo perenne do intimo sentir poderia qualquer rastrear a lucta interna dos receios e suspeitas, que a combatiam; similhante á superficie de es-

pelho polido o semblante se annuviára ao sopro de affectos oppostos, e a imagem da esperança que sorria n'alma insensivelmente se fôra retraíndo até de todo a sumir véo de funda tristeza: a serenidade e o frescôr esvaecêu-os ella; o sorriso, que floria apenas tambem o apagou, deixando em seu logar uma sombra torva e confuza como o negro pressentimento, que n'aquella hora lhe enlutava o coração; esse pressentimento, que nem sabia intender, nem disfarçar, e que todavia lhe segredava ao peito com voz occulta aviso de perigo encoberto e mal sentido.

Portocarrero tambem não soltára ainda palavra: de instante em instante um riso convulso agitava suas faces immoveis, e o olhar frio se accendia em fulgor estranho: mas acodia logo a refrear os ímpetos, que lhe aballavam o ânimo, e a escondel-os debaixo do gesto severo e triste, máscara que de longos tempos ajustára ao parecer, para que outros não adivinhassem esse abysmo de desventura, essa tenção séstra e má, que lá dentro se revolvia em lucta cruel: a sua hora ainda não batêra: ainda por momentos tinha o tigre de se arrastar por balsas e vallados antes de se atirar raivoso e férvido: entre ambos medeavam só instantes; mas instantes de insofrido padecer: contou-os e esperou! Aquella vingança meditada e previdente só devia ferir á sua hora, segura, inevitavel, e horrenda até na dilação.

De repente a rainha ergueu a fronte, e correu a vista pelos sitios, que a rodeavam: por um esfôrço subito cortára o fio de suas reflexões, e tentava distraír os cuidados travando conversação com o alcaide: mas D. Reimão respondia apenas com fallas soltas e curtas ás perguntas de D. Mécia.

— Negras imaginações vos tomaram, dom cavalleiro — exclamou a final a rainha com ar entre de enfado e ironía — ninguem dirá, que nos tornamos de folgar em alegre monteria, senão que nos vamos acercar do ataúde de algum finado.... ¡ bom é que estejam aqui vestes de festa para o desmentir!

E D. Mécia ria amargamente: Portocarrero, ouvindo estas palavras, que íam encontrar a sua idéa sinistra, estremeceu; e a encarou com mostras de espanto:

— ¡ Lucto e finados! — acudiu elle com voz preza — não o digaes zombando, senhora minha, que talvez bem ao certo aconteça, o que affirmaes por mofa.... ¿Quem sabe o que nos aguarda ao cabo?... No caminho da existencia a vida e a morte correm abraçadas.... e louco é o que tenta devassar os futuros de Deus!...

— ¡ Sois discreto! — interrompeu D. Mécia — ¡ boas fallas essas para divertir a aspereza do caminho!... na bocca do prior Fr. Gil arrazariam os olhos d'agua ao judeu mais lazarado — tisnada que elle tivesse a alma venderia a aljubeta, desaferrolharia as arcas, e em algum acisterio purificaria a alma!... cavalleiro, cuido que trocareis em breve a cervilheira e o capello de aço por devoto habito de estamanha, e saíreis a prégar no êrmo, se vos apraz ficae-vos já aqui, a ponto escolhestes o logar!

— Senhora minha, não sei fingir fallas a sabor, nem prender a vontade das damas com requebros namorados.... não me creei entre saráus e folias de cortezãos, melhor do que eu o fará o vosso pagem Mendo, o pobre Mendo, que ainda crê que o rosto de um anjo não esconde muitas vezes a alma de um demonio!

— E bem o mostraes, senhor alcaide — retrucou D. Mécia rindo com ar de escarneo — bem o mostraes; sois rude como essa armadura, que envergaes, nunca vos terão por cortez e advertido; socegae, assás o provam vossos dictos.

— ¡ E todavia, linda senhora, já o fui! — redarguiu Portocarrero, que se despiu do seu gesto pausado, e com as faces encendiadas e os olhos inflammados parecia rever-se todo no passado — ¡ já o fui! tambem acreditei no olhar limpido de uma mulher; tambem imaginei que os labios puros do serafim não podiam mentir.... quando no perpassar o sáio me roçava pelas vestes bordadas, quando via o seu brando sorrir, e sentia o cheiro suave dos perfumes de seus cabellos tambem me bateu atropellado o coração, e me deslumbrou tanta gentileza.... coou-me pelas veias esse veneno lento, ¡ doeu-me esse espinho a que chamam amor! ¡ amei e muito!... e tudo isso passou, apagou-se como a esteira luminosa da leve setía, que vôa descuidada pelas aguas do Mondego, veio uma noite de horrenda agonia.... ¡ tenho-a sempre aqui! — e elle apertava a cabeça entre os punhos com a vista desvairada — ao outro dia, quando dei por mim o coração era êrmo e nu; a alma envelhecêra seculos debaixo do pêso da afflicção!... ¡ cá dentro era tudo morto! ¡ e cuidaram que vivia, porque volvi ao mundo dos homens!.... volvi sim, que uma divida se havia de soldar.... ¡ e já a soldei!... ¡ viver! loucos que não sabiam, que sob aquella mortalha de purpura e rosas dormia um cadaver, que da vida só uma coisa guardára como sancta — ¡ a memoria! das paixões humanas só um affecto lhe não mirrára o incendio — ¡ a vingança! — E elles que a não adivinharam, porque passava encoberta e desfarçada no riso de amargura, como a dôr do afflicto, como a miseria do pobre; riso de desesperação, que ninguem conhece, porque não verte sangue, nem abre feridas!... ¿ demais, que importa aos outros que a um filho matassem o pae?.. ¡ são trances porque todos teem de passar!

D. Mécia olhou para elle pasmada: Portocarrero com a cabeça pendida sobre o peito, nem via, nem ouvia: as lagrimas corriam-lhe em fio pelas faces, e não as sentia: n'aquella hora recordou-se ella do homizio de Martim Viegas, e tambem se recordou das palavras agastadas, que lhe caíram dos labios, e que á ponta da espada gravaram no peito do velho os seus cavalleiros: remorsos e pezares, não do assassinio, que o não mandára, mas de o haver talvez causado lhe ralavam o coração: por isso baixou os olhos, e seguiu com a cavalgada, que já se avezinhava de Montemor: — D. Reimão de repente alçou a cabeça; e cravou n'ella uma vista amarga e sevéra: as palavras despegavam-se-lhe seccas, e truncadas.

— Era um esforçado e bem aventurado cavalleiro, disseram uns — continuou elle, como se não tivesse interrompido a pratica — morreu o velho Martim Viegas, affirmaram outros — ¡ mais nada!... e comtudo nunca em recontros arriscados de um contra dez, o viram recuar um palmo; e se alli havia faces descoradas, ou arquejava o peito de susto — ¡ não era o d'elle! ¿ Que val isso? ¡ morreu! ¡ mataram-n'o!

— E vós perdeste um nobre pae, senhor alcaide — respondeu a rainha suffocada — ¡ bem o sei! ¡ Deus se amercêe d'elle!... se orações e preces prestam aos mortos não lhe faltarão....

— ¡ O premio de sessenta annos de contínuo lidar foi aquelle ! — proseguiu Portocarrero — não lhes soffreu o ânimo, que essa existencia de minutos, que tão de perto bafejára a morte, acabasse por si.... ¡ Oh ! muito bom e leal rei, que assim vos toma e espedaça a vida contra os degráus do throno para desagravar uma barregã ! ¡ que vos rasga as veias para lhe offerecer o sangue do justo na taça da ebriedade ! ¡ virtuosa e excellente senhora, que vende corpo e alma á perdição pelo oiro de uma corôa, pela triste vangloria de calcar aos pés um povo inteiro !...

O sorriso que lhe tremia nos labios esbranquiçados cortava o ânimo; estas fallas vinham repassadas de uma desesperação irrepressivel. O ruido da respiração, e os olhos esgazeados do alcaide tolheram a voz a D. Mécia, desde alli previu que uma grande desventura a aguardava em Montemor.

— ¡ Senhor Deus Jesus ! — bradou com mortal angustia — ¡ enlouqueceu !... ¡ e eu aqui só e sem soccorro !...

— ¡ Louco ! — bradou o cavalleiro — ¡ e não o fiquei então !... que quereis, é passo que temos todos de transpôr; que a morte desarreigue a arvore carcomida, ou que a cercêe pelo pé o cutello do villão, ¡ sempre é morrer ! e para o finado o mesmo é dormir o seu somno eterno conchegado com os ossos dos seus, ou caír varado de golpes entre pedras tombadas, e traves incendiadas em terra sua: ficar alli sem sepultura, nem orações, sem gemidos e lagrimas dos que amou na vida; alli desamparado e esquecido como uma féra, do que repousar debaixo da lousa; o ésto do sol baterá no seu cadaver, e passará por elle como escarneo atroz, emquanto em roda da prêa esvoaçam abutres, e raivam lobos. ¿ Que val isto, linda senhora, se no meio de saráu esplendido, entre dictos chistosos, e cantares doidos de trovadores um homem vos jurar, que sois formosa, ¡ que sois rainha ! ¡ Não revê sangue a purpura !

— ¿ Mas que vos fiz eu ? — exclamou D. Mécia — nunca o soube, nem o desejei, ¡ pela minha alma o juro !

— Mas se esse homem assassinado — continuou D. Reimão — se esse cavalleiro covardemente morto, deixasse um filho, que ao arremessar o ginete contra os paços de seus avós topasse com um montão de ruinas; que ao atirar-se rapido para matar saudades de tres annos, saudades de pae e irmã, ao descavalgar calcasse um cadaver lívido, roto de feridas, e involto em pó, e fosse o de seu pae: se d'alli se afastasse como insensato, correndo emquanto se pôde menear, até caír desfallecido, e ao abrir os olhos désse com outro cadaver, de um anjo de pureza e innocencia, que perguntava ás rosas da sua grinalda porque ao aspecto de estranhos as faces lhe roubavam a côr mimosa ! ¡ oh ! então esse filho que em horas breves se víra orpham e perdido no mundo, que affundára no abysmo de eterna desventura toda uma vida de amor e felicidade, juraria como eu jurei, com os labios sobre o rosto gelado e insensivel d'aquelle cadaver — ¡ vingança tremenda, despiedosa, e inexhoravel !... ¡ e vingança será feita !...

N'aquelle instante a cavalgada alcançára o viso de um cabeço d'onde se avistava Montemor: para lá endireitaram em silencio; ao acercar-se Portocarrero pegou das rédeas ao palafrém da rainha, e o som cavo e sombrio da sua voz a despertou: — estavam perto da barbacan. — Sobre o adarve do muro, que rodeava o eirado de uma das torres descobríra ella de longe dois pontos negros que se recortavam no azul do céu, nem sabia atinar com o que seria: agora aquella voz, fez-lhe erguer a cabeça:

— ¡ Rainha de Portugal, eis alli as vossas arrhas ! — bradou D. Reimão, soltando uma risada aguda e convulsa.

D. Mécia olhou para cima.

Dois cadaveres pendiam de uma fórca, e se baloiçavam açoitados pelo norte, que soprava com furia: olhou de novo horrorisada — conheceu-os.

Eram os dois assassinos de Martim Viegas: estava cumprido o juramento do alcaide: na fôrca tétrica, popular e peã soldaram a divida de sangue.

A D. Mécia fugiu o lume dos olhos, e caíu sem accôrdo ás portas de Montemor.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Concluir-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1393 Nos arsenaes de marinha de FRANÇA vae grande tráfego: attribuem-n'o á necessidade de acautellar contra premeditadas hostilidades da Inglaterra.

Os receios de guerra entre HISPANHA e *França* são passados. A *Catalunha* começa a respirar um tanto: desamarrou-se da corrêa militar o braço da imprensa. Suspendeu-se o estado de sitio e a cobrança da contribuição dos doze milhões: nomearam-se novos, chefe politico e governador militar. Fez-se a eleição municipal; alguns cidadãos chegaram á urna lavados em sangue, mas a opposição venceu.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1394 *Diario do Governo de 23 de fevereiro.* — Decreto creando uma juncta, composta dos Srs. Patriarcha arcebispo de Lisboa, bispo resignatario de Cabo Verde, Dr. Lourenço José Moniz, Bacharel Joaquim Antonio de Moraes Carneiro e official graduado da secretaria da marinha Antonio Justino Machado de Moraes, para que proponha o modo como se poderão effeituar nas provincias ultramarinas seminarios para a creação de bom clero de que tanto carecem.

Idem de 24. — Decreto, nomeando uma juncta composta dos Srs. Procuradores geraes da Corôa e da fazenda, dos deputados B. M. de Oliveira Borges, e J. F. dos Sanctos Silva, do capitão de fragata Bento José Cardoso, do negociante M. Gonçalves Ferreira, dos empregados do Thesoiro F. Morato Roma, e J. Tavares de Macedo, para darem o seu parecer ácerca da proposta apresentada ao Governo por uma companhia, denominada *Africana Portugueza* que tem por intúito o melhorar o estado das possessões portuguezas na Africa. Portaria determinando, que se acuda com soccorros aos recém-innundados do Riba Tejo.

Idem de 27. — Venda de bens nacionaes em Vizeu, Guarda, e Coimbra.

Idem de 1 de Março. — Venda de bens nacionaes em Portalegre, Lisboa, e Vianna.

CODIGO CONSULAR.

1395 A juncta, deputada pelo Governo para examinar o projecto do Codigo Consular dos Srs. Dr. *José Feliciano de Castilho* e commendador *Ribeiro dos Sanctos*, apresentou na semana ultima o resultado das suas conferencias. O projecto foi por ella approvado: — crê-se que o Governo brevemente o vae submetter á approvação do corpo legislativo.

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

1396 Continúa a congregar-se todos os domingos na bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior pontualidade e zêlo a sociedade litteraria, que tomou a peito assentar as suspiradas e tardías pazes entre os orthógraphos portuguezes. As conferencias, que nunca duram menos de quatro horas, vão promettendo excellentes resultados. Por ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes: assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas umas pelas outras proceder-se-ha á sua applicação a todos os vocabulos da lingua por sua ordem alphabética. — Nenhum trabalho bem remunerado foi jamais feito com melhor vontade e maior affinco de que este, de que nem sequer uma gloríola se póde esperar em recompensa.

ANOMALÍA NOTAVEL.

1397 No dia vinte de fevereiro corrente, procedendo-se na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa á abertura do cadaver de uma mulher, que havia fallecido na enfermaria do Sr. Joaquim da Rocha Mazarém, por effeito de molestia sobrevinda ao parto, encontrou-se uma disposição insolita e muito extraordinaria em todas as vísceras do peito e do ventre, verificando-se a transposição geral dellas, de maneira que as que occupam ordinariamente o lado esquerdo, se achavam do lado direito, e *vice versa;* assim o coração, o pulmão bilobar, o baço, a porção sygmoidea do colon, a grande curvatura do estomago, etc. estavam do lado direito, emquanto o pulmão trilobar, o figado, o duodêno, o cego, etc. occupavam o lado esquerdo; existindo egual anomalía na disposição do systema vascular, pois que a aorta ascendente, a descendente, a inominada, as vêas cavas, etc., se achavam em posição inversa á normal. Esta inversão geral na situação das differentes partes não se apresentou acompanhada de alteração no tecido, fórma ou numero dos órgãos; e pelas informações até agora obtidas não consta, que durando a vida houvesse modificação ou perturbação alguma no exercicio das funcções, podendo d'aqui colligir-se, que uma similhante disposição não compromette a vida, nem a conformação exterior do individuo, e que só póde ser casualmente revelada pela abertura do cadaver.

Ainda que já não é unico na sciencia o caso presente, comtudo basta a circumstancia de ainda não haver sido até aqui observado na Eschola de Lisboa, para dever ser considerado como extremamente raro, e como tal merecer ser cuidadosamente conservado no gabinete anatomico da mesma Eschola, ao lado de muitos outros de não menor interesse. Quanto á explicação da producção de similhante anomalía, nenhuma actualmente se poderia dar, que em ultimo resultado se não reduzisse a uma confissão de ignorancia em segredo tão inpenetravel.

Somos devedores d'esta noticia ao nosso amigo, laborioso e sabio medico, e dignissimo secretario da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa o Sr. Doctor *José Pereira Mendes.*

Os curiosos, que desejarem verificar por seus olhos a realidade do phenómeno sobredicto, podem recorrer ao gabinete da mesma Eschola, onde o exemplar se conserva.

RUINS EFFEITOS DA POBREZA.

1398 Um homem, que trinta annos exercêra as funcções de thesoireiro na parochial egreja de S. Christovam d'esta cidade, e ultimamente dimittido do officio, por se lhe haverem conhecido n'elle algumas pequenas infidelidades, entrou ultimamente para a cadêa do *Limoeiro* no dia 24 do corrente. — Por occasião de tomar conta da thesoiraria o seu successor, se averiguou ter havido na fazenda mais extravios do que se imaginava, não descendo de conto de réis a importancia do desfalque. — Os seus comparochianos, sem n'o desculparem, lamentam-n'o. — Era a difficultosa provadora de virtudes, era a fome de mulher e filhos, quem n'o obrigára a uma acção, que tão mal conformava com todas as mais de sua vida.

METAMORPHOSE NOS CAMPOS DA GOLLEGÃ.

(Carta.)

1399 Quem deixaria de ouvir muitas vezes celebrar os campos da Gollegã, já por sua fertilidade, já por seu risonho aspecto! searas, vinhas, prados, tudo abundante, desmedido, e incommensuravel para a vista, povoam perto de duas leguas de largura e cinco a seis de comprimento! ¡Quão bello e contente estava este campo até ao dia 14 e 15 do corrente! Os olhos se cançavam e se perdiam n'um tapete contínuo do mais lindo verde. Pelos innumeraveis caminhos, que o recamavam, via-se o rico lavrador montado no soberbo ginête, filho e gloria de suas manadas, andar visitando com semblante alegre as suas searas, já crescidas, cujo susurro lhe dizia centenares de moios de pão: — via-se o campino robusto, escarranchado na sua égua felpuda, levar diante de si as manadas folgazãs de éguas e pôtros; — viam-se multidões sem conto de gado vaccúm e lanígero pascer descuidadamente, e na força do dia achegarem-se para o Tejo doirado a captar contra os ardores do sol fresquidão de sombras e humidade. Os carros, as charruas, as grades e mais instrumentos agricolas, passavam e repassavam em todas as direcções, explicando com a sua presença o enigma de tanta fertilidade, e aos sons variados e tão agradaveis da natureza se misturava o cantar cheio e saudoso dos felizes obscuros, que vivem n'ella e para ella. — ¿¡ Que mostrariam porém no logar d'este painel vivo e movediço, variado e esperançoso os dias 16, 17, 18, e 19?! As chuvas porfiadas fizeram saír do seu leito o Téjo, o velho e bom visinho d'estes campos, convertendo-os em um mar.

Acudi de Torres-Novas, onde me achava, cubiçoso de contemplar este spectaculo, — qual não foi a minha admiração, quando cheguei á aba d'aquelle bello campo (quinta do paúl da marqueza de Niza) e dei com um mar, que inteiramente m'o cortinava! — Serena estava então a tarde; parecia descançar do furacão violento que havia cursado. — Dilatei-me, com alguns amigos, com quem fazia a cavalgada, á órla d'aquelle diluvio; — para o sul do Téjo enxergavamos uma parte da Chamusca, o restante jazia debaixo de agua: — no meio do pelourinho da villa da Gollegã alvejavam, embaloiçando-se, as vellas dos barcos, como em um porto maritimo; — mais á esquerda, a grandiosa *quinta dos álamos* figurava uma ilhêta. — Perto de nós alguns campinos calculavam com o seu juizo prático, melhor avaliador do que o nosso, a grande perdição, que nós apenas deploravamos: affirmavam, que de ha 50 annos a esta parte, ainda não viera cheia como esta; e louvavam a Deus, com aquel-

la resignação que a grandeza mesma das calamidades costuma infundir quando para ellas não interveio a vontade humana. — Á direita surgia o Reguengo e a Azinhaga como dois pequenos ilhéus. Os mais risonhos e pittorescos lagos dos Cantões da Suissa, o Verner, e o Vetler da Suecia não se poderiam pôr a par da belleza do mar da Gollegã.

Retirei-me senhoreado d'um quadro, que nunca hei-de esquecer, e pesaroso de não poder descrevel-o, tão vivamente como o estou vendo, para espertar a charidade em favor de tantos, hontem abastados, hoje talvez faltos de tudo.

Torres-Novas 19 de Fevereiro de 1843.

Ricardo Fernando Vidal.

MAIS INNUNDAÇÕES.

Recebemos do *Patriota* o seguinte: —

1400 «A cheia innundou todos os campos de ambas as margens do Téjo, de Tancos para baixo; não «consta por ora que escapasse nenhuma emposta, se «não a do Alqueidão, pertencente á camara municipal de Lisboa, entre os campos de Azambuja e de «Vallada, pela razão do vento não se ter demorado do «noroeste, lado por onde ella é mais fraca. A rapidez e altura que as aguas tomaram foi espantosa; subiram em alguns pontos 6 e 8 palmos acima da que «tiveram nas ultimas cheias geraes; e houve de mais a «particularidade de arrombarem primeiro os moxões «da Povoa, Alhandra, e longo do Téjo, do que as «lezirias, procedendo isto da impetuosidade, e constancia do sudoeste e oeste, e concorrencia das aguas «vivas da sua cheia, que é uma circumstancia attendivel.

«Os prejuizos já conhecidos, além da mão de obra, «são as sementes, que se calculam aproximadamente «em 3000 moios, em attenção ao adiantamento das «sementeiras, a que deram logar os mezes de dezembro e janeiro. Tambem ha perda de gado vaccum «nas lezirias de Villa Ferreira, principalmente de creação; algumas informações fazem subir esta perda a «perto de 600 cabeças, o que parece exagerado. É «de lamentar que os lavradores por costume antigo reservem para a ultima hora a remoção dos gados, que «sempre fazem com difficuldade e afflições; provindo «d'essa confiança, ou desleixo, as perdas que muitas «vezes experimentam.

«No campo de Vallada e visinhos, abateu consideravelmente a cheia da segunda para a terça, suspeitou-se «que procederia isto de algum arrombamento nos campos inferiores. A continuação do tempo não dá por «ora esperanças de melhoramento, nem de se conhecerem ainda os estragos das tapadas, que devem ser «grandes, menos n'aquelles campos em que a innundação foi rapida, porque não dão logar á acção do «vento.

«O governo, e a companhia das lezirias, deram «logo as providencias que estavam ao seu alcance, que «foi mandar um vapor, o *Sertorius*, á disposição do «tenente coronel Lapa, administrador das lezirias, «barcos do arsenal carregados de mantimentos para «distribuir á classe pobre, e para ajudarem á salvação da gente e gados existentes nos campos, e uma «companhia de sapadores para o mesmo fim, obrando «os administradores dos concelhos de accôrdo com os «das lezirias.»

FÉRAS.

1401 Pelos campos do Riba-Téjo em consequencia das cheias, teem apparecido muitas féras, especialmente lobos e javalís; e teem atacado cavallos, bois e gente. D'aqui a pouco ha-de haver uma grande monteria por todas essas immediações d'Azambuja, Caldas etc. Diz-se que elrei ha-de n'ella assistir.

CHEIA.

1402 Refere o *Periodico dos Pobres no Porto* que pela noite de 17 para 18 do corrente crescendo extraordinariamente o Doiro, innundára a praça da *Ribeira*; causando alguns estragos em mercadorias armazenadas. — Para a semana daremos a descripção de outra cheia do mesmo rio já em dias posteriores.

RUINA DESASTRADA.

1403 Batiam as tres horas da noite de 24 para 25 na torre da Cathedral — quando um grande estrondo, immediatamente seguido de clamores consternados, se levanta na encosta occidental do Castello de S. Jorge: — um bom lanço de muro altissimo de um quintal na *rua das Farinhas*, acaba de se despenhar, alagando para o lado fronteiro algumas barracas habitadas, no chamado *pateo da Castelhana*. — O regedor da parochia manda instantâneamente tocar a fogo: — é uma feliz inspiração: urge reunir grande numero de braços vigorosos para arrancar de sob as ruinas alguns infelizes, cujas vozes soterradas clamam por soccorro. Ajudado dos bombeiros, desentulha a toda a pressa na direcção d'onde se ouvem os lamentos. De cinco ou seis familias moradoras nas barracas submergidas, tudo sae illeso, á excepção de duas mulheres gravemente feridas, e uma a quem o terror ou a falta de ar ou ambas essas causas junctas arrancaram a existencia; em todo o seu corpo não ha a mais leve contusão; e seu marido, que jazia na mesma cama, saíu são e salvo.

Com mais alguns momentos de tardança o numero das víctimas haveria sido muito maior: os tectos d'aquellas humildes habitações, uns assoberbados do repentino pêso, outros faltando-lhes o apoio da parede externa, tinham-se alquebrado, e gemendo e bojando para dentro cada vez mais de instante para instante, ameaçavam infallivel destruição a quanto cobriam.

Eis-aqui outra dura prova da razão, com que no artigo 1011 pedimos, que antes de começarem as assolações do inverno, mandasse o concelho do municipio ou as Obras publicas fazer uma rigorosa vistoria a todos os prédios, muros ou ribanceiras, que por sua decrepidez, ou quaesquer outros motivos, ameaçassem despênho. Se taes providencias se observassem ter-se-hia poupado esta desgraça, e as mais, que já teem occorrido, e Deus sabe quantas outras, que se estão chocando para o futuro: sem saír d'esta mesma visinhança, ahi está, por exemplo, na *calçada da Rosa* uma casa, parte da qual nem já de graça póde achar habitadores, e que em desabando causará inevitavelmente grande perdição nos visinhos.

DESPENHO FATAL.

1404 Na segunda feira gorda, sobre tarde, passando dois trabalhadores pelas pedreiras de Alcantara, proximo á fabrica da polvora, despenha-se um lanço d'aquella mole brutesca, e esmaga-os.

DOIS AFFOGADOS.

1405 No dia 19 do passado, dois gallegos recém-chegados no vapor, vindo n'um bote para desembarcar no caes da alfandega d'esta cidade, foram victimas da tempestade.

¿A QUEM PERTENCE A LETTRA DA ÓPERA OS MARTYRES?

(Carta.)

1406 Sr. Redactor. — Pela leitura do artigo — *Theatro* — inserto em o n.º 7 da *Fama*, podendo de alguma guisa colligir-se, que a poesia italiana do *Libretto* — Os Martyres — pertence ao eximio *librettista* o Sr. *Cammerano*, eu, que em minha consciencia sei pertencer-me umas tres quartas partes d'ella, e singularmente a *cabaletta* do 3.º acto

Credo in Dio, re de Ciel, della terra, etc.

Não posso deixar de dar áquelles Srs. Redactores os meus mais sinceros agradecimentos, por haver honrado a mesquinhez do meu trabalho com a auréola de tão insigne poeta.

O poeta do Real Theatro de S. Carlos
Antonio Prefumo.

Lisboa 23 de fevereiro de 1843.

LEMBRETE METEOROLOGICO Á ÓPERA LYRICA.

1407 Os preparativos para o saráu, que o Ex.mo Conde de Farrobo deu a S. M. F. e á Côrte, no seu palacio suburbano das Larangeiras, procediam na ultima semana com o maior fervor: — emquanto no theatro os dois grandes pintores *Fonseca e Cinatti* maneavam de dia e noite os seus pincéis admiraveis, e o Sr. *Lodi* dirigia, como suprema cabeça, toda a parte artística da funcção, os curiosos, que ahi haviam de executar a ópera comica em tres actos, e em francez, *Le Duc d'Olonne*, amiudavam com a maior furia os seus ensaios. Ás 7 horas da tarde de 21 do passado começavam uma repetição de toda a peça: a tarde tinha estado chuvosa. As 8 horas o céu carrancudo entrou a fuzilar intensamente mas sem trovões. — Quando depois do chá se dispunham a começar o ultimo acto estoira nos ares uma bombardada, tão estrepitosa, que os homens ficaram como petreficados, as senhoras espavoridas e algumas sem sentidos. Seguiu novo trovão menos bravo que o primeiro. Uma desatada pancada de agua, desaccumulando a electricidade e dando um desfecho feliz á ópera lyrica da atmosphéra, permittiu á terrestre o concluir-se sem novidade. O raio, que os jornaes disseram haver caído no palacio, caíu a 300 ou 400 passos longe do theatro na adega de um pobre homem, que por milagre ficou vivo.

O que os mesmos jornaes accrescentaram de desastres acontecidos nos Omnibus que de lá vinham para Lisboa carregados, tambem não foi exacto. Eram duas carradas de musicos, e todos elles chegaram a porto de salvamento. — A ópera lyrica, similhante ao Capanêu da guerra thebana, desafia todos os podêres da terra e até o raio de Jupiter.

O saráu fez-se nos dois dias aprasados Domingo e terça feira gorda; e esteve esplendido.

Podia ter sido, segundo ouvimos, um pouco mais portuguez, porém mais francez não era possivel.

NAPOLEÃO OU A CONJURAÇÃO DOS ARTISTAS.

1408 A peça assim intitulada, e composta pelo Sr. *Perini*, foi á scena no Salitre n'um dos dias da semana passada em beneficio da Sr.ª *Maria José dos Sanctos*. — Não havendo nós assistido a essa representação, e não conhecendo o drama, só da voz publica podemos tirar a nossa relação: — o drama caíu. Nem a *Conjuração dos Artistas*, nem o grande Napoleão lhe valeram. Não podemos dizer se o publico teve, ou não teve razão, (que uma e outra coisa é mui possivel) mas o que nos affirmam, é que a pateada fôra d'aquellas, que matam um poema logo á nascença; pateada jocoséria, de trovoada e de risóta, da platéa e dos camarotes, desde as frisas até ás torrinhas; —

«.... summo ullularunt vertice nymphae.

— Um inglez, que se achava na superior, foi um dos principaes desafiadores da hilaridade, porque, enfastiado ou da peça ou do modo como a representavam (o que não prova que uma ou outra coisa fosse má), não cessava de pedir a grandes vozes *musique, musique: faz vósse mecê musique; nò falla.* — Um thêma d'estes não era para ser perdido: d'ahi por diante a fórmula da reprovação não era outra senão uma grita geral de *musique, musique.* — Morreu; seja-lhe o palco leve.

CASTELLO DE FARIA.

1409 Terça-feira ultima se deu no theatro dos *Condes* a segunda representação do drama do Sr. *Cascaes*, premiado pelo Conservatorio. Tardia veio ella; foi isso devido á falta de saude de alguns actores, e talvez tambem ao empenho de lhe preparar certa mina para voar o tal *Castello* de uma vez para sempre, como coisa portugueza. De feito uma *caballa*, conforme lhe chamam, se havia organisado n'este intervallo, cujo *chefe* devia ser e era um francez. Uma firma *respeitavel*, *um Mr. Le Baron*, um homem procurado, como mestre, pelas melhores *cabeças* da capital. —

¡ Um official de cabelleireiro!

Mr. Le Baron, fiel ás instrucções recebidas, rompeu uma pateada, em que foi ajudado por seis ou oito do seu bando; mas que a platéa portugueza logo obrigou a emmudecer, afogando-a com palmas. O bando dos tosqueadores saíu d'esta feita tosqueado.

O CARNAVAL.

1410 O d'este anno a despeito do rigor da estação, que só no terceiro dos tres dias solemnes deixou ver o sol, foi abundante de feijões e tremoços, representações, bailes, e mascaras. — A generalidade de taes dispendios populares, observa um philosopho, é sempre um simptoma de pobreza. A nossa já não carecia de taes provas para ser conhecida. Em geral duas coisas podémos observar n'este entrudo — os brincos selvagens passaram de moda, mas o bom gosto na escolha dos divertimentos não se tem apurado: os nossos mascarados são, com pouquissimas excepções, insignificantes authomatos, que dizem pouco e não significam nada; tomam uma mascara e qualquer vestido, que não seja o seu, e com isso teem satisfeito a sua consciencia de carnaval. — O baile mascarado de S. Carlos esteve deploravel nas duas primeiras noites; na terceira concorreu gente bastante, e os disfarces chegariam a 150. O saímento do entrudo ao bater da meia noite foi espancado e corrido com tal pateada, que os da comitiva se tornaram sem n'o haverem po-

dido enterrar. Com razão; a paródia da coisa mais solemne e tremenda do mundo é abominavel n'uma festa: os cantos e trajos da egreja, atraz de um pendão com cruz e caveira e precedendo a um esquife com um mono dentro, é uma tão insensata e semsabor impiedade, que devem para sempre desterral-a. Outrotanto dizemos dos habitos religiosos, com que alguns mascarados andavam promovendo o já pleonastico desprêso das coisas da egreja, na hora mesma que precede ao dia das cinzas ¡na entrada do tempo da penitencia!

PREMIOS UNIVERSITARIOS EM 1842.

(Vem de pag. 211.)

Faculdade de Medicina.

5.º Anno.

1411 1.º Premio — Guilherme da Silva Abranches.
2.º Dicto — Simão José da Luz Sorioni.

4.º Anno.

1.º Partido — Guilherme da Silva Abranches.
2.º Premio — João Antonio de Sousa Doria.
3.º Dicto — Francisco Maria da Silva Torres.
4.º Dicto — Simão José da Luz Sorioni.
5.º Dicto — Rodrigo José de Moraes Soares.
1.º Dicto — João das Neves Gomes Elizeu.
2.º Dicto — José Barata da Silva.
1.º *Accessit* — José Gaspar de Lemos.
2.º Dicto — Manoel Vieira de Araujo.
3.º Dicto — Antonio José Gomes de Araujo.
4.º Dicto — João Henrique de Moraes Callado.

(Continuar-se-ha.)

MACTE, NOVA VIRTUTE, ¡PUER! SIC ITUR AD ASTRA.

1412 Cada vez se vae auspiciando mais prosperamente a revolução litteraria, moral e religiosa: cada dia acodem a militar no seu campo novos espiritos, bem fadados, opulentos de mocidade e de porvir, cheios de fé em si e na sublimidade dos destinos humanos, com grande talento acceso na alma por este sol portuguez fecundissimo de todas as coisas: e com o amor, a paixão, a necessidade do estudo, sem o que os melhores dons naturaes ficam perdidos. N'estes juvenís percursores de uma edade nova estão os maiores abonos da sua possibilidade. São a primeira vegetação, que principía a apparecer e florir sobre as ruinas tristes e estéreis do nosso mundo velho; se não produzirem já fructo, no seu logar e no seu pó virão depois arreigar-se plantas mais felizes, que formando o terreno a outras, ainda mais corpulentas e abençoadas do que ellas, haverão egualmente contribuido, para que sumidas e talvez esquecidas as ruinas — sobre ellas, em chão assente e formoso se disfructem días de abundancia, de paz, de contentamento. — Breve passaremos nós os corrompidos herdeiros da prosáica impiedade, dos odios, ambições e avarezas, a que se deu a alcunha pomposa de politica: — passaremos nós, e virão homens, que não adorem no deserto o bezerro de oiro, e que intendam que o individuo e a sociedade se não manteem de pão unicamente, — homens, que terão feito dar um passo á Economia Politica, accrescentando-lhe aos algarismos, que só podem representar os bens para os sentidos, os elementos moraes, que aproveitam e sanctificam esses mesmos bens, — homens emfim, cujos argumentos se não cifrarão todos em calcular forças mechânicas, e tirar como consequencia infallivel, que toda a que chega a 500 cavallos, é, *ipso facto*, preferivel á que só eguala a 499 cavallos.

O materialismo do viver, filho do materialismo do pensar ou antes do não pensar, já por toda a parte se vae reconhecendo por insufficiente para o verdadeiro fim por que a nossa especie se reune, que é a satisfação recíproca e a satisfação mútua. — Entre nós, como diziamos, tambem a consciencia d'esta verdade vae fazendo apparecer defensores zelosos das doctrinas antiquissimo-novissimas. — Muitos podéramos citar, já conhecidos do publico, já premiados e reforçados pelo favor geral: — mas apontaremos unicamente um novo campeão, que vae entrar na lice com o escudo ainda liso, mas forte com os seus vinte annos, com a inteireza do seu coração, com a virgindade da sua fé.

Dois programmas temos diante de nós, lançados no publico pelo Sr. *João de Lemos Seixas Castello-Branco*, estudante na Universidade de Coimbra. — No primeiro se annuncia uma obra, que tem de ser publicada em periodos irregulares, e aos folhetos: intitulada o *Christianismo*, miscellânea de prosa e verso, destinada a *espalhar as maximas evangélicas, e os dictames sublimes da crença de Jesus*. — Outro mancebo, que se não nomêa, é n'esta empreza o seu collaborador. — No segundo promette o auctor, sob o titulo *O Meu Album*, colligir trêchos seus de poesia íntima, uns em verso, outros em prosa; e declara, que, se agradar esta tentativa, dará á luz uma D. Maria Tellez, drama seu original, e em verso.

Postoque nada até hoje vissemos, do Sr. *Seixas, Castello-Branco;* nem com elle ainda nos encontrassemos, de amigo nosso íntimo, juiz em litteratura competentissimo, sabemos, que ha nos escriptos d'este zeloso neóphito da religião poetica claros e ás vezes brilhantes arrebóes de um talento, que, aproveitado e dirigido por bom caminho, não deixará de ser para muito. Não lhe aconselháramos nós o madrugar tanto para saír ao mundo: sabemos o que são, e o que doem tardios arrependimentos de juvenís peccados litterarios, bem que ás vezes não passassem de venialidades. O mundo perdoa muito, mas a consciencia propria perdoa pouco ou não perdoa nada. Não lhe aconselháramos lançar aos mil écchos da imprensa, importunos que ninguem depois póde emmudecer, nem o seu *Album*, nem o seu *Christianismo*, e menos ainda o segundo do que o primeiro. — Para trovador, que devaneia, chora e canta, não será impropria, a edade das ardentes paixões, e o alaúde com mãos ainda inexpertas se contenta.

Mas a auctoridade do evangelisar..... temos receio, confessâmol-o, de que o seu louvavel zêlo o engane sobre os fructos da sua missão, — oxalá, que não; que muitas e muitas vezes tenhamos de acompanhar nos applausos e bençãos aos seus ouvintes.

ERRATUM.

A paginas 283 *no fim da columna* 2.ª *por descuido na recorrição se ommittiu a seguinte nota, cuja chamada se acha no respectivo logar do texto:* — Isto não obsta a que se devam respeitar, como legitimas que são, as sentenças emanadas da Camara dos Pares, erigida em tribunal de justiça; emquanto essa fôr a lei do Estado.